BRINCADEIRAS DA MINHA infância

Seja na rua, embaixo do prédio, seja no recreio da escola, cada geração tem memórias que marcaram a infância. Agora, juntam-se para compartilhar aquilo que tornou uma época tão especial da vida



Orlando Gonçalves, de 64 anos, relembra a amarelinha usando bambolês na Asmac

Júlia Costa/CB/D.A Press



Grupo de Taguatinga que se reunia na rua e nos aniversários mantem a amizade na vida adulta

Arquivo pessoal



Gabriela Barreto (E), Giovanna Batista (C) e Laura Victória Rocha (D) são estudantes da EC 10 do Gama

Júlia Costa/CB/D.A Press

» JÚLIA COSTA*

Quando criança, Maria de Lourdes de Morais, hoje com 63 anos, brincava na rua até as 22h. Com os meninos da rua onde morava, jogava queimada, bete e bola. Em casa, as bonecas de pano que a mãe fazia eram as favoritas. "Eu chegava tarde em casa, minha mãe nem se preocupava. Era todo mundo solto, sabe?", lembra.

Ela voltava para casa já esperando o dia seguinte para continuar a brincar com os amigos. As ruas do Gama, na época ainda sem asfalto, eram onde os vizinhos passavam o dia inteiro. "Quando os tratores colocavam aquele morro de cascalho, então, era uma festa para a meninada. Os meninos rolavam naquelas pedras e, quando chegavam em casa, só dava para ver o olho", brinca.

Silvania Lima, de 51 anos, se autodefine "um meninão" quando criança. Quando via as crianças da vizinhança soltando pipa, queria imitá-las; se jogavam biloca, entrava na brincadeira. Um pedaço de madeira com rodinhas virava um carrinho de rolimã. Com as meninas, brincava de casinha. "Eu e minhas amigas, quando íamos fazer comida de mentirinha, às vezes, pegávamos comida da mãe escondida", relembra.

De manhã, acordava e assistia à *TV Colosso* ou à *Caverna do Dragão*. Acima de tudo, ela considera que teve uma infância sadia. "Eu trago muitas recordações boas da minha infância. Soubemos viver, brincar, tinha aquele horário em que os pais gritavam para a gente entrar em casa", conta. "Esperava o outro dia chegar para poder correr na rua de novo."

Gaúcha, Neuci das Graças, de 73 anos, cresceu em uma fazenda no interior do Rio Grande do Sul. Brincava de amarelinha, pulava corda e jogava qualquer jogo de bola na juventude. Na Associação Maria da Conceição (Asmac), no Gama, que frequenta semanalmente, pôde reencontrar aquilo que fazia quando criança.

A instituição organiza atividades em grupo para idosos da região e, nos exercícios físicos, relembra brincadeiras de criança, como amarelinha e atividades com bola. "A gente se movimenta. Vamos trocando, indo para outro brinquedo. Comecei a fazer ginástica, dança. Eu era uma pessoa muito fechada, mas depois que conheci essas coisas mudei muito", conta.

Se muitas crianças brincavam na rua até tarde da noite, há ainda aquelas famílias que enfatizavam a importância de praticar tanto o físico quanto o intelecto. "Meu pai era um workaholic, viciado em trabalho, então os filhos também tinham que ser", diz o microbiologista Orlando Gonçalves, de 64 anos.

Ele conta que, na família de 10 irmãos, as brincadeiras existiam, mas eram raras. Queimada, amarelinha ou bete eram algumas das coisas que podiam fazer, mas o incentivo maior era pelos esportes. "Atletismo, natação, maratona, isso íamos para as cabeças", afirma. "Agora, esses esportes que envolviam bola, éramos zeros à esquerda."

As atividades da Asmac têm sido uma novidade para Orlando — e um aprendizado de como diminuir o ritmo. "Passei muito tempo desacelerando e parece que estou treinando aos pouquinhos para acelerar", diz. "Temos que treinar a paciência, o convívio e a humanidade."

Amizade de uma vida

Na QNL, em Taguatinga, crianças do mesmo prédio construíram uma amizade que dura até a vida adulta. As brincadeiras eram várias: queimada, verdade ou desafio, polícia e ladrão, pique-esconde, gato mia, golzinho, boneca e ou simplesmente andavar de patins ou bicicleta na região.

Para Stefany Fernanda, hoje com 30 anos, a variedade de jogos pode ser atribuída à dificuldade de entrar no mundo virtual à época. "Como o acesso à internet era apenas em computador, criança sem acesso à tecnologia inventa milhões de coisas", diz. Júlia Cristina, 25, conta que a criatividade era necessária para não ficar no tédio. "Contávamos histórias de terror, fazíamos noites do pijama, esconde-esconde."

A brincadeira tinha hora marcada: às 16h, começavam a interfonar uns para os outros para que o grupo se reunisse embaixo do prédio. "Até andar na chuva em volta do prédio de guarda-chuva virava motivo para juntar todo mundo", diz Maria Regina, também de 25 anos. "O mais importante não era a brincadeira, eram as pessoas que faziam com que elas fossem felizes."

Até mesmo o início de um novo ano escolar era motivo para reunir o grupo. "Começo do ano, todo mundo descia com os materiais escolares e as meninas ficavam fazendo margem nas folhas do caderno", lembra Elder Fernandes, hoje com 27 anos. Aos finais de semana, o lazer do grupo era ir à catequese juntos.

Para Vitória Fernandes, de 25 anos, as melhores lembranças que tem da infância são, justamente, os momentos mais simples. "Tenho muita saudade daquela época em que a gente não precisava de muita coisa para ser feliz. Acho que o mais bonito da infância é justamente isso: as amizades, as brincadeiras simples e as memórias que ficam para a vida toda", resume.

E hoje em dia?

No recreio da Escola Classe 10 do Gama, as mudanças entre as gerações não são perceptíveis. Assim como as gerações anteriores, usam o tempo livre para correr, jogar futebol ou queimada e pular corda com os amigos.

Giovanna Batista, de 8 anos, conta que o que mais gosta de brincar na escola é queimada. Na hora do intervalo, as turmas se misturam e o jogo começa. Com os colegas de turma, brinca de pique-esconde ou de pega-pega. Depois da aula, já em casa, as atividades individuais ganham espaço. "Gosto de brincar de boneca, às vezes com slime, com a massinha", diz.

Colegas de turma, Gabriela Barreto, de 9 anos, tem no pique-cola a brincadeira favorita para a hora do intervalo. "Escolhemos um lugar para ser o lugar salvo e aí, quando entramos, o pega não pode nos pegar. A gente brincava bem ali na cerca e quando abria o portão, o pega poderia entrar e pegar", explica sobre as regras do jogo. Em casa, diz que gosta de pintar, brincar de boneca e com a cachorrinha de estimação.

Na hora do recreio, explica Laura Victória Rocha, de 8 anos, a estudante e as amigas perguntam para toda a escola quem pode participar da brincadeira de mamãe e filhinha. "Escolhemos quem pode ser a mãe, o pai ou a filha. Vamos cuidando, podemos levar a criança para algum lugar da escola", conta. Quando chega da aula, leva a imaginação para o papel: são os desenhos que ocupam o dia da aluna.

***Estagiária sob supervisão de Márcia Machado**